

“Yo, rebelde hasta la muerte”: as Cartas de Lope de Aguirre e a escrita de si

Deise Cristina Schell¹

Resumo: Lope de Aguirre foi protagonista de uma das mais singulares expedições espanholas de conquista no século XVI, tendo participado de uma pelo Amazonas entre 1560 e 1561, que ficou célebre pelos atos de violência e de “lesa majestade” em que se envolveram os seus participantes. Logo após este evento, e ao longo dos anos e séculos seguintes, a *Jornada de Omagua e Dorado* foi contada e recontada por vozes e perspectivas diversas. As três Cartas redigidas por Lope de Aguirre, dirigidas ao Padre Montesinos, ao Rei Felipe II e ao Governador Collado, fazem parte de um vasto corpus documental que ajudaram a construir a memória do evento e do personagem Aguirre. Buscaremos analisar este tipo textual através do que Ângela de Castro Gomes chama “escrita de si”, uma “busca de um “efeito de verdade”, no qual o autor faz uma “representação/invenção de si”. Desta forma, acreditamos ser possível verificar como Aguirre se constitui como sujeito de sua própria história.

Palavras chave: Lope de Aguirre, cartas, “escrita de si”

Abstract: Lope de Aguirre, main character of the most unique Spanish conquest expedition of the 16th century, was part of an expedition throughout the Amazonas river between 1560 and 1561 known for its expeditor’s violence against each other and betrayal to the king. Soon after that expedition and through the following centuries, Omagua and Dorado's Journey's history was told by many different points of view. The three letters written by Lope de Aguirre to Father Montesinos, to the King Felipe II and to the Governor Collado are a small part of a wide documented corpus that helped build the memories of the journey and of Aguirre. We will analyze these letters through what Ângela de Castro Gomes calls "writings about themselves", searching for the "truth effect" in which the writer makes a "representation of himself". This way, we believe it will be possible to verify how Aguirre preserves himself as the main character of his own history.

Key-words: Lope de Aguirre, letters, "writings about themselves"

Introdução

Jornada de Omagua e Dorado foi como ficou conhecida uma expedição de conquista organizada a partir do Peru, em 1560. Sob o comando de Pedro de Ursúa, os expedicionários desta viagem que rumava ao Rio Amazonas tinham como primordial objetivo chegar às portentosas terras de *Omagua* e *El Dorado*, tão difundidas no imaginário europeu e em escritos de conquistadores que, anteriormente, haviam se aventurado na floresta amazônica. Conforme nos contam os cronistas da expedição, a desilusão dos conquistadores com os resultados da viagem será o estopim para uma violenta sublevação contra a autoridade da expedição e à própria Coroa Espanhola.

¹ Mestranda em História - Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq - Brasil.

Em nossos estudos sobre a *Jornada* - que tiveram início a partir de nossa participação como bolsistas de Iniciação Científica no Projeto de Pesquisa “Cartografias da Floresta: A Amazônia nas fontes coloniais”², se estenderam ao nosso Trabalho de Conclusão de Curso³ e culminaram em nosso Projeto de Pesquisa do Mestrado⁴ -, analisamos duas crônicas escritas por expedicionários daquela viagem, as *Relaciones*⁵ de Pedrarias de Alместo e de Francisco Vázquez. Nelas, os autores retratavam as suas versões sobre os acontecimentos e construíam uma série de representações sobre a *Jornada* e seus personagens. Logo pudemos verificar que um deles, o conquistador Lope de Aguirre, ficou especialmente marcado pela forma com que foi caracterizado naqueles escritos. Os cronistas acabaram transformando aquele personagem em único responsável pela insurgência, como se sozinho pudesse ter realizado todos os atos violentos e de traição cometidos no decorrer da expedição, numa forma de elaboração “histórica” bastante particular àquela época. Aguirre será representado, assim, como o grande tirano daquela expedição de conquista, um louco, a personificação da insurgência e de todos os males:

Y como este tirano era malo, perverso, así era enemigo de los buenos y virtuosos; y pocos a pocos ha venido matando todos los más hombres de bien, y teniéndolos por sus enemigos, porque como tuviese presunción o manera de hombre de bien, temíase dellos y no consentía que tal hombre viniese entre ellos; y, por consiguiente, era amigo de la gente baja y mala, de los cuales se fiaba y los tenía por grandes amigos, y por parecerle que éstos tales no tenían ánima para le matar, y que entre estos tales viviría más seguro. (ALMESTO, 1986, p.167)

Era mal cristiano, y aun hereje luterano, o peor. (...) Tuvo por vicio ordinario encomendar al demonio su alma y cuerpo y persona, nombrando su cabeza, piernas y brazos, y lo mismo sus cosas. No hablaba palabra, sin blasfemar y renegar de Dios y de sus santos. (ALMESTO, 1986, p. 221)

Apesar de a *Jornada* ter gerado um corpus documental bastante extenso, poucos trabalhos historiográficos tiveram-na como objeto de pesquisa e grande parcela dos estudos realizados sobre ela tratavam de reduzir os personagens da expedição a meros *heróis* ou

² Coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Cristina Bohn Martins e executado através do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos. O projeto iniciou-se em fevereiro de 2005 e, no presente momento, continua em andamento.

³ Intitulada “Em busca de Omagua e El Dorado. A rebelião nas narrativas da *Jornada* de Lope de Aguirre e seus *marañones*” e concluída em 2008 na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

⁴ “A *Jornada de Omagua e Dorado*. Evento, personagem e história”, iniciado em 2009 através do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

⁵ As *Relaciones* produzidas a partir da *Jornada* são testemunhos pessoais, dentro de uma realidade particular do Novo Mundo. Não se tratam, assim, de simples narrativas de ações ou de feitos. Por trás da relativa “veracidade” reivindicada pelos cronistas - que objetivavam fazer destes documentos versões oficiais dos fatos relatados - apresenta-se uma problemática pessoal e coletiva que, como nos alerta Beatriz Pastor em seu *Discursos Narrativos de la Conquista*, “transcende la simple relación de hechos para profundizar en la expresión de la compleja relación del hombre con la historia”. (PASTOR, 1988, p. iii)

vilões, utilizando como fonte primordial as *Relaciones* como a de Vázquez e de Alместo. Neste sentido, a apreciação moral dos viajantes – e, em especial de Aguirre – foi comumente utilizada por estudiosos como maneira de explicar as causas da rebelião ocorrida durante a viagem.

Ao contrário disto, neste trabalho não procuraremos as causas da insubordinação promovida por Lope de Aguirre e seus *marañones*, mesmo porque, como bem sabemos, esta busca, típica das grandes narrativas historiográficas, não estão mais hoje tão no centro das preocupações dos historiadores⁶. Ainda que também não seja nosso objetivo traçar uma biografia de Lope de Aguirre, não deixaremos de considerá-lo como sujeito das tramas que se desenrolam na e a partir da *Jornada de Omagua e Dorado*. Assim, embora consideremos que o protagonismo deste personagem não seja toda a explicação - ou “a” explicação - para os desdobramentos desta história, temos consciência de que Aguirre é parte fundamental dela.

É por esta razão que interessa-nos, aqui, compreender e avaliar a forma pela qual o próprio Lope de Aguirre se inscreveu na memória sobre a *Jornada* e a rebelião nela ocorrida. Se, como dissemos anteriormente, a historiografia tradicional se debruçou sob as representações negativas deste personagem descritas nas *Relaciones* em busca de uma explicação causal para a sua insurgência, nosso intento é analisar nas Cartas escritas por Aguirre de que forma ele caracteriza suas ações e sua personalidade, como constrói a “sua verdade” sobre o evento. Desta maneira, não pretendemos deter-nos sobre a veracidade dos fatos relatados nos escritos, mas sim verificar as “representações de si”⁷ construídas por Lope de Aguirre e como ele se constitui como sujeito de sua própria história.

As Cartas de Lope de Aguirre e a “escrita de si”

Segundo Walter Mignolo, a carta, como tipo discursivo, terá fundamental importância no renascimento, já que para os conquistadores será “la manera más práctica de cumplir con una obligación, y por lo tanto, el medio más adecuado para hacerlo” (MIGNOLO, 1992, p. 69). No entanto, diferente das *cartas relatorias* ou das *relaciones*, as epístolas não pretendem

⁶ Sobre essa discussão ver mais em: WEINSTEIN, Barbara. História sem causa? A nova história cultural, a grande narrativa e o dilema pós-colonial. *História*, São Paulo, 22 (2), 2003, pp. 185-210.

⁷ Para a análise dos textos, utilizaremos o conceito de representação formulado por Roger Chartier, tendo em vista que, para ele, o objeto da história cultural é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Desta maneira, ainda segundo Chartier, para se relacionar com o mundo real, cada cultura constrói, a partir das práticas sociais, representações desse mundo, as quais acabam orientando, novamente, as suas práticas sociais. As representações são, assim, a forma de conhecimento da realidade que cada sociedade constrói e reelabora através de lutas constantes. (CHARTIER, 1990, p. 16; CHARTIER, 1991)

ser documentos legais que relatam à Coroa e aos seus representantes descobrimentos ou conquistas, mas sim “comunicaciones (informes, solicitudes) que reemplazan la inevitable falta de copresencia entre el destinador y el destinatario” (MIGNOLO, 1992, p. 59). Em trabalho intitulado "Embates pela memória: narrativas de descoberta nos escritos coloniais da Amazônia Ibérica", Juliana Pedro deixa claro o papel da escrita no processo colonizador, destacando que cada grupo ou indivíduo busca, através dela, consolidar a sua memória a respeito dos acontecimentos vividos. Para a autora, os discursos do século XVI, para além de informar os governantes, irão construir a "verdade" acerca da descoberta (PEDRO, 2006, p. 17).

Enquanto a voz de Lope de Aguirre é praticamente silenciada nas *Relaciones* sobre a *Jornada*, as três Cartas redigidas pelo personagem e dirigidas ao Rei da Espanha Felipe II, ao Padre Provincial Montesinos e ao Governador da Venezuela Pablo Collado, vão demonstrar a singularidade de seu discurso, constituindo uma construção muito própria da realidade vivida durante a expedição. Segundo Ângela de Castro Gomes, “toda essa documentação de ‘produção do eu’ é entendida como marcada pela busca de um ‘efeito de verdade’, que exprime pela primeira pessoa do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões ‘íntimas e profundas’ do indivíduo que assume sua autoria” (GOMES, pp. 14-15, 2004). Apesar de seu caráter extra-oficial, veremos que nesta documentação auto-referencial, Aguirre buscará afirmar frente à Coroa Espanhola e às autoridades coloniais a sua condição de rebelde e a ideologia que move a sua insubordinação:

Yo no niego, ni menos todos estos señores que aquí están, que nos salimos del Perú para el Río del Marañón a descubrir y poblar, dellos cojos dellos sanos por los muchos trabajos que hemos pasado en el Perú, y cierto a hallar tierra por miserable que fuera, paráramos, por dar descanso a estos tristes cuerpos que están con más costurones que ropas de romero, mas a falta de lo que digo y muchos trabajos que hemos pasado, hacemos cuenta que vivimos de gracia, según el río y el mar y el hambre nos han amenazado con la muerte, y así, los que vinieron contra nosotros hagan cuenta que vienen a pelear contra los espíritus de los hombres muertos. (AGUIRRE, 1987, pp. 285-286)

Em seus escritos Aguirre procura demonstrar que as suas violentas ações e a infidelidade ao Rei, expressas durante a *Jornada*, talvez sejam o extravaso da dura realidade que se mostrava a estes espanhóis que se arriscaram no Novo Mundo. Assim, a figura do conquistador que, como ele, sai do Peru para “descubrir e poblar”, “ciertos a hallar tierra por miserable que fuera”, será representada, em seus escritos, como “tristes cuerpos que están más con costurones que ropas de romero”, como “espíritus de hombre muertos”. Em carta ao Rei Felipe II, a representação da degeneração de seu corpo e do corpo dos seus companheiro em

detrimento de seus esforços nas campanhas de conquista em nome da Coroa também aparecem: “estoy lastimado y manco de mis miembros em tu servicio, y mis compañeros viejos y cansados em lo mismo”. Os escritos de Lope de Aguirre demonstram, portanto, a intensificação de um descontentamento generalizado e de um processo de cancelamento de todos os modelos que a Conquista produzira até então.

“Yo, rebelde hasta la muerte”

A análise das epístolas pessoais deste conquistador acaba por não revelar um “louco” ou um “herege”, como pretendiam os expedicionários que escreveram sobre a *Jornada*, mas um rebelde angustiado e insatisfeito com a situação colonial que se apresentava. Essa incômoda conjuntura faz surgir em seu discurso, lado a lado, valores cristãos e de vassalagem, e a insurgência contra a figura de um Rei que deixa de recompensar os serviços de seus súditos na América. Assim, representações que parecem contraditórias podem ser encontradas, muitas vezes, em um mesmo documento: na Carta ao Rei Felipe II, Aguirre inicia descrevendo-se como “vasalo, cristiano viejo de medianos padres, hijodalgo” (VÁZQUEZ, 1987, p. 136) e finaliza sentenciando: “yo rebelde hasta la muerte por tu ingratitud: Lope de Aguirre, el Pelegrino.” (VÁZQUEZ, 1987, p. 143). A figura do “traidor sanguinário” que aparecia nas *relaciones*, acaba por se alterar-se, na escrita que o personagem produz de si, em uma representação contraditória e conflituosa. A transformação do vassalo em rebelde acaba por expressar, enfim, toda a problemática de uma época "que marca la transición entre una concepción del mundo anclada en estructuras medievales y la emergencia, ya en al Barroco, de una conciencia moderna" (PASTOR, 1988, p. 333).

Fontes:

(1562) VÁZQUEZ, Francisco. Relación verdadera de todo lo que sucedió en la jornada de Amagua y Dorado, que fue a descubrir el Gobernador Pedro de Ursua, con poderes y comisiones que le dio el Virrey Marqués de Cañete Presidente del Peru. Tratase, asimismo, Del alzamiento de Don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre y otros tiranos. In: _____. **El Dorado**: crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre. Introducción y notas de Javier Ortiz de la Tabla. Madri: Alianza Editorial, 1987. 171 p.

(1561) AGUIRRE, Lope de. Carta al Padre Montesinos por Lope de Aguirre. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). **Lope de Aguirre**: Crónicas 1559-1561. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. pp. 285-286.

(1561) AGUIRRE, Lope de. Carta de Aguirre a Pablo Collado, gobernador de Venezuela. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). **Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561**. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981. p. 287.

(1561) AGUIRRE, Lope de. Carta de Lope de Aguirre à Felipe II. In: **El Dorado: crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre**. Introducción y notas de Javier Ortiz de la Tabla. Madri: Alianza Editorial, 1987, pp. 136-143.

(1562) ALMESTO, Pedrarias de. Relación verdadera de todo lo que sucedió en la Jornada de Omagua y Dorado que el gobernador Pedro de Ursua fue a descubrir por poderes y comisiones que le dio el visorey Marqués de Cañete, desde el Pirú por um río que llaman de Amazonas, que por otro nombre se dice el río Marañón el cual tiene su nascimiento en el Pirú, y entra en el mar cerca del Brasil. Trátase asimismo del alzamiento de don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre y de las crueldades de estos perversos tiranos. In: CARVAJAL, G.; ALMESTO, P. & ROJAS, A de. **La aventura del Amazonas**. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: Historia 16, 1986. pp. . (Crónicas de América 19).

Referências bibliográficas:

BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. **História do novo mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)**. Trad. Cristina Muracho. São Paulo: EDUSP, 1997. 704 p.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990. 244 p.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo: USP, v. 11, pp. 713-191, 1991.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 262 p.

GOMES, Ângela Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGB, 2004, pp. 7-26.

GREENBLAT, Stephen. **Possessões Maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo**. Trad. de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 1996. 193 p.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. Descobrir e redescobrir o Grande Rio das Amazonas. As *Relaciones* de Carvajal (1542), Alonso de Rojas SJ (1639) e Christóbal de Acuña SJ (1641). **Revista de História**, São Paulo, n. 156, pp. 31-57. 1º semestre de 2007.

MIGNOLO, Walter. Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: MADRIGAL, Luis Inigo (org.). **Historia da literatura hispanoamericana** (epoca colonial) Tomo I. Madrid: Catedra, 1992, pp. 57-103.

PASTOR, Beatriz. **Discursos narrativos de la conquista: mitificación y emergencia**. 2. edição. Hanover: Ediciones del Norte, 1988. 465 p.

PEDRO, Juliana de Castro. **Embates pela memória: narrativas de descoberta nos escritos coloniais da Amazônia Ibérica**. 2006. 124p. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [2006], p. 22. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp008079.pdf>>. Acesso em 05 de dezembro de 2006.

UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens Míticas: a Amazônia no Imaginário Europeu do Século XVI. In PRIORE, Mary Del e GOMES, Flavio (org.). **Os Senhores dos Rios**. Amazônia, Margens e Histórias. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. pp. 2-31.

WEINSTEIN, Barbara. História sem causa? A nova história cultural, a grande narrativa e o dilema pós-colonial. **História**, São Paulo, 22 (2), pp. 185-210, 2003.